

Jaboticabal é o segundo maior produtor de amendoim

Para ajudar a manter o solo fértil, amendoim é plantado em rotatividade com cana e gera mais de 1.200 empregos **PÁG.3**

Foto Valdir Montanaro



Usinas de etanol e produtores preocupam-se com a questão da sustentabilidade **PÁG.3**

Foto Fernanda Vilela



Na contramão do agronegócio, políticas públicas atraem mais agricultores familiares **PÁG.6**

Smartphones geram negócios

Os smartphones, ou 'telefones inteligentes', invadem o mercado de telefonia celular e os aplicativos (apps) ajudam a impulsionar as vendas **PÁG.8**

Sementes que se tornam ecojóias

Artesão transforma as sementes dos frutos em jóias, vende o produto e numa feira e, desta maneira, consegue renda para sustentar toda sua família **PÁG.5**

Agrotóxicos podem estar obsoletos

Em Araraquara, foram registrados quase 5 mil produtos obsoletos que estão armazenados em fazendas que fizeram a sua declaração para a Secretaria **PÁG.3**

Peças diversas em brechós

Preços de peças em brechós variam de R\$ 1 a R\$ 20 em Araraquara; loja pioneira na cidade chega a vender mais de quinhentas peças em um dia **PÁG.5**

Produtos sustentáveis se popularizam e viram boa opção de negócio

Relógios, sabonetes, camisetas, lanternas, casinhas de cachorro: linha de sustentáveis cresce junto com a qualidade nos negócios

Repórter **Rodolfo Fernandes**

O comércio de produtos sustentáveis é um segmento que vem ganhando cada vez mais espaço no mercado. Os “produtos verdes”, como são chamados, deixaram de ser artigos de luxo e encontram lugar cativo nos lares e empresas.

Encabeçando o segmento de sustentáveis, a produção de alimentos orgânicos vem crescendo em torno de 20% ao ano, segundo informações do site do Sebrae. Mesmo custando em média 40% a mais que os produtos convencionais, a procura só tem aumentado e até mesmo superado a oferta. Outro fator que tem colaborado para o crescimento é o aumento de preços dos agrotóxicos e produtos químicos utilizados no cultivo tradicional, que encarecem o alimento “comum” e diminui a diferença de preço em relação ao orgânico.

Para o empresário Marcelo de Oliveira e Silva, da araraquarense Sabal Brasil, o produto sustentável ainda sofre certa desconfiança devido à forte mídia dos produtos convencionais. O problema é driblado

com ações de degustação e provas comparativas entre produtos, o que evidencia a superioridade do “produto verde”.

Ligado ao ramo de sustentáveis desde o final da década de 1980, quando fazia massas italianas procurando utilizar o máximo de produtos orgânicos, atualmente Silva comercializa alimentos, produtos de limpeza, cosméticos e até uma linha de produtos para animais de estimação. Marcelo acredita que, com o aumento da conscientização, os produtos sustentáveis estão se tornando a escolha natural dos consumidores e espera que, acompanhando o mercado, o tamanho da empresa irá dobrar nos próximos cinco anos.

A empresária Ana Claudia Vaz Zorzenon, ao fundar a VzTech Tecnologia, em 2004, em São Carlos, se preocupou em ser o mais ecologicamente correta possível. Entre outras medidas, devido ao grande consumo de papel, ela adotou desde o começo o uso do reciclado e não se importou de pagar um pouco mais caro pelo produto.

Isso vai ao encontro do pensamento de Marcelo. “Acredito que, para ter



Ana Vaz só utiliza papel reciclado na sua empresa

Foto Rodolfo Fernandes

sucesso sem estar comprometido com o meio de forma justa, parece faltar o final feliz do negócio. Agindo dessa for-

ma, sem querer você se vê envolvido em sustentabilidade. Afinal aquilo que é bom tem que ter uma história boa”, finaliza.

Preço incerto do mercado da laranja preocupa citricultores paulistas

Greening é um dos principais motivos para a queda no preço

Repórter **Marcela Cioffi**

A produção comercial de laranja para a safra 2012 está estimada em 375,743 milhões de caixas. A estimativa é 26,6% superior à colheita da safra anterior. A preocupação dos agricultores não está somente no campo, mas também no mercado.

De acordo com o consultor técnico do setor, Silvio Cezar Gregório do Nascimento, a preocupação é com um possível prejuízo da imagem do suco brasileiro e com a perda do mercado norte-americano, que desde 2007 vem diminuindo as compras do país devido ao “greening” (doença que afeta a laranja deixando suas folhas amareladas e mosqueadas). A doença surgiu no Brasil em 2004 e os primeiros casos foram detectados na cidade de Araraquara (SP).

Desta forma, as barreiras dos Estados Unidos ficaram mais rigorosas. Além disso, a crise europeia e a baixa capacidade de estocagem de suco pelas indústrias do exterior podem prejudicar o escoamento da produção nacional.

Para o consultor, o volume de frutas esmagadas neste ano deve ser menor se comparado ao do ano passado. “O preço estimado da caixa de laranja ainda não está definido, mas reuniões são realizadas em

Brasília para chegar a um preço mínimo de cada caixa”, ressalta ele.

O produtor e engenheiro agrônomo Antônio Luiz Zucolo afirma que, nesta safra, as variedades que ficarão sem colher serão as precoces (Hamlin e Westin).

Ainda segundo Zucolo, os compradores de suco, diante desse cenário, derrubaram os preços no mercado internacional. As fábricas de suco estão recebendo e processando apenas as frutas de produtores que tem contratos e não tem interesse em novas compras. “Esse é um dos piores anos da citricultura com relação aos preços”, desabafou o citricultor. O produtor até pensa em apostar na cana-de-açúcar devido ao bom preço ofertado pela tonelada do produto.

Segundo os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), a área ocupada com laranja no estado de São Paulo é de 569.641 hectares e a área em produção está estimada em 525.514 mil hectares.

Quando se compara com a safra anterior, o comportamento é de diminuição de área, passando de 608.600 ha para os atuais 569.641 ha, com variação a menor de 6,4%. A causa é a erradicação de pomares improdutivos.

A colheita da laranja desta safra deverá se concentrar entre agosto e outubro.



Foto Marcela Cioffi

Safra da laranja será maior que a anterior mas volume de suco menor

EXPEDIENTE

O jornal **Vital** é um projeto laboratorial experimental, produzido pelos alunos do 3º ano do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Araraquara – Uniara, no âmbito das disciplinas “Design e Produção Gráfica”, “Redação e Edição em Jornalismo Impresso” e “Fotojornalismo”. A partir deste ano letivo, o **Vital** passa a circular como encarte bimestral do jornal **Tribuna Impressa**, resultado de uma parceria entre o Centro Universitário de Araraquara – Uniara e a Empresa Jornalística Tribuna Araraquara Ltda.

Reitor: Prof. Dr. Luiz Felipe Cabral Mauro

Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais: Prof. Dr. Mivaldo Messias Ferrari

Coordenadora do Curso de Jornalismo: Profª Me. Elivanete Zappolini Barbi

Professores Orientadores: Fabricio Mazocco (design gráfico), César Mulati (fotojornalismo), Luiz Carlos Messias da Silva (Reportagem, Redação e Edição)

Secretário de Redação: Artur de Francischi Haddad

Editores de Texto: André Luis Dias, Pâmela Tamires Cadamuro e Paula dos Santos.

Editores de Fotografia: Jean David Cazellotto e Rafael Zocco de Camargo.

Repórteres: Amanda Nogueira, Ana Paula de Souza, Artur de Francischi Haddad, Débora Camargo, Diego Gibertoni, Fernanda Vilela, Gianfrancesco Rocha Bariani, Isabela Mendes, Jean David Cazellotto, Jéssica Palácio, Marcela Cioffi, Marcos Leão, Matheus Carvalho, Natália Pirola, Rafael Zocco de Camargo, Rodolfo Fernandes da Silva, Valdir Montanaro, Vinícius Bosquete de Almeida, Viviane Prativiera.

Centro Universitário de Araraquara – Uniara: Rua Voluntários da Pátria, 1.309 – Centro. Araraquara/SP. CEP 14801-320. Fone (16) 3301-7100.

Encarte do jornal “Tribuna Impressa” - Araraquara - SP.

Sustentabilidade da cadeia produtiva preocupa usinas de etanol paulistas

Práticas sustentáveis melhoram aceitação do etanol brasileiro no mercado internacional

Repórter Valdir Montanaro

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), existem sete bilhões de habitantes na terra. A estimativa é que este número aumente para nove bilhões em 2050. Os especialistas no setor acreditam que existe uma grande demanda por alimentos e outros produtos. Como os recursos são limitados, a solução é uma abordagem sustentável que integre tecnologia, o homem e o campo.

De acordo com o engenheiro agrônomo diretor de uma empresa de consultoria e projetos para o setor sucroalcooleiro e presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), Luiz Carlos Corrêa Carvalho, as usinas no Brasil estão preocupadas em serem certificadas pelas agências internacionais para não terem problemas no mercado internacional. “Os Estados Unidos definem o etanol brasileiro como avançado e, sendo assim, ele entra no país sem pagar imposto e ainda recebe prêmios”, ressalta.

Uma das empresas que se destaca no interior de São Paulo é a Nardini Agroindustrial Ltda, em Vista Alegre do Alto. A usina foi uma das primeiras do setor sucroenergético a aderir ao Protocolo Agroambiental, em 2007. Este protocolo determina a extinção da queima de palha de cana até 2014, nas áreas mecanizáveis; e em 2017 nas áreas em que a mecanização é impossível devido às condições topográficas.

Além disso, a empresa tem projetos como o “Viveiro de Mudas”, onde são produzidas 60 mil mudas por ano de árvores na-

tivas distribuídas aos fornecedores, clientes e colaboradores. O projeto “Nardini Sempre Verde” visa educar e conscientizar as crianças da comunidade sobre a importância da preservação do meio ambiente.

O projeto EcoAR, que tem o envolvimento dos motoristas e mecânicos da Nardini, tem o objetivo de controlar a emissão de gases dos veículos movidos a diesel. Além disso, é feito o reuso de água com uma estação de tratamento e também a preservação de animais silvestres nas matas e represas ao redor da usina.

A empresa conseguiu o selo de qualidade ISO 9000 no ano de 2005 e, em 2007, o Selo Ibase/Betinho, que significa o reconhecimento da prática de responsabilidade social e ambiental.

Segundo o engenheiro agrônomo responsável pelo setor ambiental da empresa, Rodrigo Robes, a Nardini está consciente da responsabilidade ambiental e social que o desenvolvimento econômico determina, uma vez que entende que a proteção dos recursos naturais é fundamental para a preservação das gerações futuras e também para a sobrevivência da própria empresa.

Robes lembra que a agroindústria da cana-de-açúcar encontra-se atualmente diante do desafio de provar sua sustentabilidade a todos que a questionam. “Não existe um empreendimento que seja integralmente sustentável, mas o equilíbrio entre as decisões econômicas e as ações sociais, dentro de limites ambientais, devem ser buscadas continuamente. O etanol brasileiro somente abrirá as portas do futuro se advir de uma

cadeia de produção ambientalmente correta e socialmente responsável”, diz.

No interior do estado de São Paulo, o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) colabora com pesquisas para mudas de cana-de-açúcar específicas para cada clima e solo, viabilizando um ganho de até 35% na produtividade.

Contatadas pela reportagem do **Vitral**, as usinas Maringá e Zanin (Araraquara); Santa Adélia (Jaboticabal); Bonfim (Guariba) e Santa Fé (Nova Europa) não informaram suas ações ambientalmente sustentáveis. Alegaram que só divulgam seus projetos em âmbito interno.



Colheita mecanizada elimina a queima da cana em várias propriedades

Foto Valdir Montanaro

Órgãos estaduais prorrogam prazo do levantamento de agrotóxicos obsoletos até o dia 24 deste mês

Objetivo é apurar volume e variedade de agrotóxicos proibidos existentes nas propriedades rurais do interior



Foto Secretaria da Defesa Agropecuária

Agrotóxicos proibidos devem ficar estocados em local apropriado

Repórter Rafael Zocco

Em outubro do ano passado, com idealização da Secretaria do Meio Ambiente, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento e de cooperativas, iniciou-se em todo território paulista o Levantamento de Agrotóxicos Obsoletos, que visa apurar a quantidade de agrotóxicos proibidos por lei existentes nas propriedades rurais do

Estado de São Paulo.

O produtor rural que declarar as informações solicitadas não incorrerá em nenhum tipo de penalidade, desde que o faça no prazo estabelecido e mantenha os agrotóxicos obsoletos (proibidos por lei) em condições mínimas de armazenamento seguro até a sua destinação final.

Em Araraquara (SP), o engenheiro agrônomo e dono de uma casa agropecu-

ária, Edgar Santa Rosa Esteves, explicou como este processo está sendo aplicado. “O agricultor que possui agrotóxicos obsoletos tem que construir uma espécie de galpão cimentado para que os agrotóxicos prejudiciais ao meio ambiente fiquem lá. Os produtos que eram fabricados antigamente não tinham identificação, sequer havia o selo do fabricante”, conta Santa Rosa.

Os produtos considerados obsoletos, que contém Aldrin, BHC, Toxafeno, DDT, Dodecácloro, Endrin, Heptacloro, Lindani, Endossulfân, Metoxicloro, Nonacloro, Pentaclorofenol, Dicofol e Clorobenzilatos, estão proibidos desde 1985 porque afetam a saúde e o meio ambiente. “Esta campanha chegou muito tarde. Há produtos com mais de 50 anos que ainda estão armazenados em algumas fazendas e que agora vão ser recolhidos”, declara Esteves.

Prejuízo

Em Matão (SP), o agricultor Antônio Sérgio Primiano, proprietário da fazenda São Domingos, armazenou cerca de uma tonelada de agrotóxicos obsoletos no galpão que construiu. Segundo Primiano, o prejuízo causado pela campanha do governo não foi tão grande como ele imaginava. “A fazenda era do meu pai e os agrotóxicos que estão aqui são de 30 anos atrás. Não dá para saber o tamanho do prejuízo” O agricultor faz uma ressalva sobre o produto. “Os produtos, a maioria com BHC, estão armazenados

em um galpão e não deixam nenhum tipo de líquido ou cheiro, não contaminando o solo”, conta Antônio.

Campanha em Araraquara

Em Araraquara, os números da campanha são baixos. Até o momento foram registrados quase 5 mil produtos obsoletos que foram armazenados nas fazendas que fizeram a declaração. Para Maria Satico Ikeda, engenheira agrônoma do Escritório de Defesa Agropecuária de Araraquara, os números podem aumentar e ela explica como será feito o recolhimento depois do prazo estabelecido para a declaração.

“Após termos o número de propriedades declaradas em todo o estado, faremos o recolhimento nas fazendas cadastradas para que esses produtos sejam incinerados”, conta Satico. “Durante o recolhimento, a Polícia Ambiental, junto com funcionários da CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), farão a fiscalização para ver se os produtos foram armazenados corretamente e se o proprietário fez a sua declaração. Caso contrário, o proprietário poderá ser autuado”, declara.

O proprietário que ainda não declarou tem até o dia 24 de julho para preencher o formulário. Para fazer a declaração é preciso procurar o Escritório de Defesa Agropecuária de Araraquara ou a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), que ficam na Rua Treze de Maio, 1352, na Vila Xavier.

Amendoim é o segundo produto agrícola mais produzido na região de Jaboticabal

Plantado em rotatividade com a cana de açúcar, o amendoim ajuda a manter o solo fértil

Repórter Gianfrancesco Bariani

O amendoim é o segundo produto mais produzido e colhido na região de Jaboticabal, ficando atrás somente da cana de açúcar, segundo os dados divulgados pela Coope-rativa Agroindustrial (Coplana). Foram 2,147 milhões de sacas de 25 quilos cada, recebidas na coope-rativa em 2011. Este número deve subir 21,09% em 2012, chegando a 2,6 mil hões de sacas.

Os dados registrados no cadastro do Imposto Territorial Rural (ITR) no município de Jaboticabal reforçam o crescimento. Na cidade, são 1.152 propriedades rurais, totalizando 66.535 hectares.

A cana de açúcar ocupa 53.938 hectares (81,06%) e o amendoim vem logo em seguida, ocupando 2.715 hectares (4,08%) desta área. Em terceiro lugar vêm áreas de pas-tagem com 2.530 (3,80%), produção de soja com 898 (1,34%) e milho com 532 hectares (0,79%). Os ou-tros 5.922 (8,90%) são avaliados como Área de Reserva Legal.

Em dados divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no mês de maio, a área total cultivada com amendoim no país, na safra 2011/12, deve ficar em 101,4 mil hectares, dos quais 74,9 mil hectares (73,2%) estão em São Paulo.

A produção nacional de amendoim esperada para esta safra deve alcançar 296,7 mil toneladas, 31% superior ao colhido na safra anterior.

De acordo com o engenheiro agrônomo e gerente de desenvolvimento agrícola da Coplana, Paulo Henn, a atividade começou a crescer devido à necessidade da plantação de outro alimento na mesma terra. “A plantação de somente um produto no solo deixa a terra infér-til; a rotatividade mantém o equilíbrio. A cada cinco cortes da cana (aproximadamente seis anos), o terreno deve ser reformado em, pelo menos, 15% de sua área”, diz.

A adaptação dos cereais como forma de renovação das terras se dá no intervalo da safra de cana, que começa em abril e se estende até novembro. O ciclo do amendoim, do plantio até a colheita, é de 130 dias, período considerado ideal pelos plantadores de cana. “Além de cobrir o período de entressafra, o amendoim é apto a ser produzido entre outubro e abril”, completa Henn.



Adubação garante alta produtividade nas plantações de amendoim



Foto: Gianfrancesco Bariani

No armazem da Coplana, os “bags” guardam o amendoim já preparado para exportação

Outros cereais, como a soja e o milho, também se encaixam neste papel de reformadores de terrenos da cana. No ano de 2011, a cooperativa recebeu 24.795 toneladas de soja e 12.997 toneladas de milho. Neste ano, a previsão para a colheita de soja e milho é de 25 e 13 mil toneladas, respectivamente. “A opção dos produtores pelo amendoim está na rentabilidade da cultura”, explica.

Em 2010, a Coplana teve participação em 29,8% das exportações brasileiras do

amendoim. A previsão para o destino do produto nesta safra é de 23,4 toneladas para mercado interno, enquanto as exportações devem chegar a 23,5 toneladas, 50,8% a mais do que no ano de 2010.

Segundo o produtor e cooperado da Coplana há mais de vinte anos, Walter Aparecido Luiz de Souza, de 52 anos, a safra de 2011/2012 não sofreu nenhum prejuízo. “Esta safra foi melhor em termos de colheita devido ao pouco período chuvoso. Devemos saber a hora certa de plantar e colher. Tive companheiros que plantaram tardiamente o amendoim e não colheram nada”, disse.

No ano passado, devido às fortes chuvas entre março e abril, houve uma quebra de produção do amendoim. As perdas che-

do solo, houve maior desgaste dos equipamentos utilizados nesta fase”, diz.

A cooperativa investe na ampliação da estrutura de beneficiamento do amendoim para o ano que vem. “Vamos aumentar a capacidade de beneficiamento em 80% com a nova unidade da cooperativa. Podemos chegar a mais de 3 milhões de sacas em 2013”, conclui Silva.

De acordo com o Secretário de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente de Jaboticabal, Sérgio Nakagi, a quantidade de empregos gerados diretamente pelo amendoim é considerável. “Hoje, a cultura oferece empregos diretos e indiretos na área, seja na agricultura, na indústria ou nos serviços prestados”, explica Nakagi.

“A plantação de somente um produto no solo deixa a terra infértil; a rotatividade mantém o equilíbrio. A cada cinco cortes da cana (aproximadamente seis anos), o terreno deve ser reformado em, pelo menos, 15% de sua área.”

garam a 20% na região de Jaboticabal. “O custo do amendoim é muito alto devido ao preço de arrendamento de terra”, explica Souza. O custo para o plantio do amendoim gira em torno dos R\$ 3 mil por hectare.

Para o coordenador de gestão da qualidade da Coplana, José Luiz Morelli, o índice de precipitação nesta safra prejudicou a qualidade dos grãos. “Devido ao pouco período chuvoso, os grãos ficaram com um tamanho menor do que o esperado”, pontua o coordenador.

Para o gerente de divisão de produção da Coplana, Valdeci Malta da Silva, o clima seco também dificultou a retirada do amendoim do solo. “Por causa da dureza

Atualmente, são disponibilizados 1.260 empregos indiretos na agricultura (cooperados, safristas e rurais permanentes), 200 na indústria e 300 empregos de serviços gerais. Em empregos diretos, a Coplana mantém 386 trabalhadores.

“O nosso amendoim é muito bem visto no exterior pela qualidade. Se dependêssemos do mercado interno brasileiro, a cultura não cresceria como vem crescendo atualmente”, comenta o secretário Sérgio Nakagi.

Hoje, a Argentina é a maior produtora e exportadora de amendoim do continente Sul-Americano. China e Estados Unidos são fortes mercados importadores do grão.

Sementes dos frutos viram ecojóias e geram renda

Nas mãos do artesão, o que seria descartado se torna o sustento da família

Repórter Jean Cazello

Fáceis de encontrar e baratas, as sementes de frutos podem ter um destino diferente do que o lixo. Alex Juarez é artesão de Araraquara e trabalha há 30 anos na fabricação de semi-jóias, mas há dois anos investe também na confecção das chamadas ecojóias.

“Toda manhã eu saio em busca da matéria prima, que fica aqui no quintal da minha casa, para poder fabricar tudo o que eu conseguir”, conta Juarez em sua chácara na área urbana da cidade. É lá que ele consegue todo o material para a fabricação dos seus objetos, que são totalmente sustentáveis.

Mas não são somente as sementes dos frutos que ele utiliza. Para a confecção, ele também usa galhos de árvores,

gravetos e sementes de várias outras frutas. Juarez fabrica cerca de dez peças por dia, que depois são vendidas em uma feira no distrito de Bueno de Andrada aos domingos pela manhã, próximo à estação ferroviária.

As peças confeccionadas apenas com sementes de frutos tem preço mínimo de R\$ 10. As outras, que são feitas com pedras semi-preciosas, como a Ágata, são vendidas por até R\$ 110 cada.

Segundo Juarez, que é membro da Superintendência do Trabalho Artesanal do Estado de São Paulo, todas as peças são únicas, pois nenhuma semente ou graveto na natureza são iguais, garantindo a exclusividade. “Eu faço cursos sempre que existe possibilidade. É dessa forma que eu consigo manter a minha família e faço isso há muito tempo”, completa.



Foto Jean Cazello

Alex Juarez elabora ecojóia com sementes e graveto

Brechós são alternativa econômica e preço das peças varia de R\$ 1 a R\$ 20 em Araraquara

Pioneira na cidade, loja chega a vender até quinhentas peças por dia

Repórter Isabela Mendes

Uma opção ainda pouco procurada pelos consumidores de Araraquara são as lojas de roupas usadas, popularmente conhecidas como brechós. Na cidade existem mais de dez estabelecimentos atuando no seguimento. Alguns desses brechós são negócios informais, encontrados em residências, não sendo possível contabilizar a quantidade exata de lojas.

O mix de produtos dos brechós inclui roupas, calçados, roupas de cama e até peças íntimas. Em todas, os preços das peças variam entre R\$ 1 e R\$ 20, independente do bairro em que estejam localizadas. Os preços sofrem variações durante as estações do ano, elevando o valor das peças adequadas à época.

Segundo a proprietária de um brechó no Jardim América, Maria do Carmo Santos, de 50 anos, as lojas tendem a adotar margem de 100% em cada produto. “Geralmente é esse o percentual que colocamos, devido ao preço reduzido das peças”, explica.

A aposentada Júlia de Medeiros Dantas Godoy, de 64 anos, responsável por um brechó que hoje pertence ao seu filho, João Francisco, é a pioneira no ramo de lojas de roupas usadas em Araraquara. “Abri a loja quando vim de Brasília, onde era gerente de uma boutique. Já trabalho com isso há 26 anos e não tenho do que reclamar”, conta.

Ela diz que sua loja vende cerca de quinhentas peças por dia. “Tenho muitas clientes fiéis, que só compram roupas aqui. Elas levam umas quinze ou vinte peças por vez, então chega a um número bem alto mesmo”, acrescenta.

Além das roupas usadas, os brechós também trabalham com fantasias e roupas para aluguel. Júlia explica que isso ajuda a manter a loja nos meses de menor movimento. “De janeiro a abril o fluxo de vendas diminui um pouco devido ao carnaval, à páscoa e a entressafra.



Foto Isabela Mendes

A comerciante Júlia Dantas é pioneira dos brechós em Araraquara, onde preserva clientes fiéis

Então nós acabamos lucrando mais com essas roupas temáticas”, diz.

O marido de Júlia, Fernando Godoy, de 60 anos, também trabalha no brechó e diz que esse tipo de comércio requer alguns cuidados. “Como compramos produtos de outras pessoas para vendê-los aqui, temos que ficar atentos. É preciso saber de quem estamos comprando. Temos a loja há muito tempo e sabemos reconhecer quem está de má fé, porque ficar com produto roubado vai causar problema para nós e não para quem o trouxe até aqui”, ressalta.

Godoy ainda explica que a vantagem do brechó está na exclusividade das peças, porque elas são de coleções passadas e são únicas. “Mulheres, principalmente, não gostam de roupa igual”, fala.

Concordando com a opinião de Godoy, a jornalista Cláudia Roberta Pereira, de 24 anos, conta que o gosto por fazer compras em brechós é pela exclusividade. “Acho que é isso que mais me incentiva; eu tenho o costume de passar em algum brechó todo mês para dar uma olhada”, relata. “Adoro brechós, já fui até em outras cidades. Tenho um

estilo diferente e acabo gostando das roupas antigas. Além disso, não gasto dinheiro com roupa cara, acho desnecessário. E as minhas peças compradas nessas lojas sempre recebem elogios”, comenta a jornalista.

No interior de São Paulo, existe uma competição entre os brechós. Uma pesquisa de opinião aponta os preferidos do público e apenas dois estabelecimentos são premiados por ano. Como prêmio, as lojas ganham divulgação. Brechós de Araraquara já foram premiados nesse certame.

Na contramão do agronegócio, selo de identificação incentiva pequenos produtores rurais em São Carlos

Dados do Censo Agropecuário de 2010 revelaram que desigualdade de terras ainda é grande no país

Repórter **Fernanda Vilela**

A luta pela terra nos últimos 25 anos e a política de assentamento ainda não foram suficientes para alterar a concentração de terras no Brasil. Segundo dados do último Censo Agropecuário, realizado em 2010, 84,4% dos estabelecimentos rurais brasileiros se enquadram no perfil “estabelecimentos da agricultura familiar” e ocupam apenas 24,3% do campo brasileiro. Em São Carlos o município incentiva a pro-

dução familiar, com políticas públicas de valorização do pequeno produtor.

O Selo de Identificação da Participação da Agricultura Familiar (SIPAF) foi criado em abril deste ano e cadastrou, até agora, 22 produtores na cidade. A Prefeitura de São Carlos informou que o selo agrega valores aos produtos, já que a agricultura familiar se caracteriza como uma atividade rural em que os produtores utilizam o mínimo possível de agrotóxicos, além de trabalhar de forma sustentável na propriedade.

O produtor familiar José Noeli Gonçalves está no ramo há sete anos e conseguiu o selo. Para ele, ter essa identificação é importante, pois é uma forma de valorizar o trabalho do pequeno produtor. “Para nós esse incentivo é excelente. Esse selo se tornou uma garantia que o nosso produto tem qualidade”, explicou.

A política de incentivo continua quando o produtor precisa comercializar seus produtos. A Prefeitura de São Carlos organiza feiras e compra os legumes e verduras dos

agricultores para a merenda escolar servida nas escolas do município.

Censo Agrário

Os números do último Censo Agrário impressionam. Cerca de 15% dos proprietários de terra concentram mais de 75% da área produtiva do país.

Outro dado destacado no censo é a geração de emprego na zona rural. A agricultura familiar mantém 12,3 milhões de pessoas ocupadas no campo, o que corresponde a 74,4% de todos os empregos gerados na área rural.

Já o agronegócio mantém 4,2 milhões de pessoas ocupadas, o que representa 25,3% dos empregos no campo. Os números, quando comparados, apontam que 7 de cada 10 empregos no campo são gerados pela agricultura familiar.

Os dados do IBGE confirmam o crescimento da agricultura familiar, cujas unidades passaram de 4,1 milhões para 4,5 milhões. Significa que 88% do número total de estabelecimentos agropecuários do País são pequenas propriedades, demonstrando a força do pequeno produtor.



Foto: Fernanda Vilela

Agricultores familiares vendem seus produtos em feiras na cidade

Produção orgânica é opção de renda para agricultores

Segundo pesquisa, 88% dos entrevistados disseram preferir alimentos orgânicos

Repórter **Natália Pirola**

A agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros. No interior do estado de São Paulo ela ainda é a principal fonte de renda para mais de 200 mil famílias que sobrevivem apenas dessa atividade.

Alguns desses produtores encontraram na agricultura orgânica um atraente potencial de negócio e um mercado em expansão. Com a aplicação dos princípios agroecológicos na pequena propriedade rural conseguem aumentar a sustentabilidade econômico-financeira.

Depois de estabilizado o solo, é possível produzir orgânicos utilizando metade dos investimentos necessários na produção convencional. Segundo o pequeno agricultor Reginaldo Seli, da cidade de Itápolis, outro fator

atrativo na produção orgânica é a possibilidade do produtor rural comercializar seus produtos diretamente ao consumidor, a preços 30% maiores que os convencionais produzidos pela agricultura tradicional.

Seli é cooperado do Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável e tem certificação do Organismo de Avaliação da Conformidade Orgânica, credenciado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O agricultor afirma que o fato do valor agregado aos produtos ser elevado não dificulta sua venda. Pelo contrário, aumenta a lucratividade do produtor devido à forte conscientização dos consumidores em buscar qualidade de vida através das alternativas orgânicas para compor uma alimentação mais saudável, contribuindo também para a preservação do meio ambiente.

O uso de fontes de energia renováveis e a preservação da identidade cultural dos pequenos produtores, explica a bióloga Anaira Denise Caramelo, são fatores que

impulsionam a atividade. O governo apoia e incentiva a prática por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), procurando diversificar o plantio com novas formas de cultura.

Anaira lembra que o termo “agricultura orgânica” surgiu com a necessidade de inovar e buscar alternativas economicamente viáveis, sustentáveis e ambientalmente corretas. O método tradicional da agricultura prevê o uso de corretivos, fertilizantes químicos e agrotóxicos. “Contrariamente, o método orgânico prevê poucas interferências, visando manter a qualidade tanto do que é produzido, quanto dos recursos naturais, como o aumento de agregados do solo, estabilização do pH, promoção da atividade de microor-

“Depois de estabilizado o solo, é possível produzir alimentos orgânicos utilizando metade dos investimentos necessários na produção convencional”.

ganismos, um forte potencial tanto para a melhoria da qualidade do solo quanto para a população”, afirma.

Segundo uma pesquisa realizada pela Organic Services e a Vital Food, em sete capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília, Belo Horizonte, Goiânia e Belém), em 2011, 88% dos entrevistados disseram já consumir alimentos orgânicos, principalmente por conterem um alto valor nutritivo; 48% compram por questões de saúde e 36% consomem pelo fato de o alimento não conter agrotóxicos.

A bióloga explica que o principal atrativo na opção por produtos orgânicos está relacionado à alimentação saudável. Assim como a agricultura convencional, a orgânica também é vista com desconfiança por parte dos consumidores. Por isso, é importante optar apenas por produtos devidamente certificados, como os cultivados pelo pequeno produtor rural Reginaldo Seli. O agricultor conta que conheceu o modo de produção orgânica após sofrer uma intoxicação por uso de agro-

tóxicos. Impossibilitado de trabalhar com a agricultura convencional, Seli procurou por novas formas de produção agrícola, já que o sustento de toda a família provém da pequena propriedade rural que possui.

Ele explica que a redução nos custos

com a aquisição de fertilizantes químicos foi inicialmente aplicada na mão de obra extra exigida pela preparação do solo para o plantio orgânico. Os lucros só vieram depois de algum tempo mas Seli garante que a mudança valeu a pena.



Foto: Natália Pirola

Reginaldo Seli conheceu os orgânicos após uma intoxicação

Banco do Povo financia mais de R\$ 400 mil em Tabatinga em 2011

Contratos assinados no primeiro trimestre deste ano liberaram quantias entre R\$ 200 e R\$ 15 mil

Repórter Vinícius Almeida

O Banco do Povo Paulista liberou mais de 130 contratos em 2011 na cidade de Tabatinga/SP, o que gerou um total de R\$ 407.509,48 em financiamentos. O banco oferece crédito aos micros e pequenos empresários e a autônomos. As quantias podem variar de R\$ 200 a R\$ 15 mil em condições facilitadas e juros de 0,5% ao mês.

No primeiro trimestre deste ano foram assinados 29 contratos, com valor aproximado de R\$ 132.063. Em 2012 a instituição completa dez anos de operação no município.

Em 2011 o Banco do Povo autorizou 31.967 contratos em todo o estado de São Paulo, num total R\$ 132,4 milhões, dinheiro emprestado a pequenos empreendedores. O Banco do Povo Paulista foi criado em 1998 e já emprestou mais de R\$ 800 milhões, beneficiando cerca de 248 mil microempreendedores como, por exemplo, motoristas, cabeleireiras e costureiras.

Segundo Luciano Soler, agente do banco do povo em Tabatinga, os pequenos empreendedores recorrem ao banco para investir em seu próprio negócio. Esses empreendedores procuram o banco quando pretendem iniciar uma atividade ou se tornar um autônomo. O banco oferece oportunidades concretas para conseguirem concretizar seus sonhos de uma maneira descomplicada.

Para se tornar cliente e requisitar um financiamento basta que o interessado apresente CPF ou CNPJ. As taxas de juros oferecidas a esses microempreendedores são menores que as praticadas no mercado e as exigências cadastrais são mínimas. Até pessoas que trabalham em casa, como costureiras e cozinheiras, podem ter acesso a crédito para comprar máquinas ou material



Foto Vinícius Almeida

Emiliano Vassoler com documentação para apresentação ao banco do povo

de trabalho, afirma Luciano.

Emiliano Vassoler, motorista, trabalha com fretes e carretos e afirmou já ter recorrido ao Banco do Povo diversas vezes para continuar com o seu negócio. Recentemente fez um empréstimo para reforma de seu caminhão. “Já procurei o banco para fazer a retífica do motor. Com ajuda do Banco do Povo consegui melhorar o veículo e hoje posso trabalhar com mais qualidade e rapidez”, afirma Emiliano.

Produtores rurais da cidade também procuram o banco para financiamento de

equipamentos e implementos agrícolas. Valdecir Aparecido Vasconcelos, produtor rural, já recorreu ao banco para consertos em seu trator. “O banco tem ajudado bastante os produtores rurais; já consegui fazer o motor e trocar os pneus do trator, meu instrumento de trabalho na propriedade”, afirma Vasconcelos.

O Banco do Povo tem sido procurado também por mototaxistas para trocar seus veículos e por micro-empresários que querem realizar reformas ou investir em máquinas.

Postos de atendimento

O Banco do Povo atende na maioria das cidades da região de Araraquara e pode ser encontrado nos seguintes endereços:

ARARAQUARA: Rua Voluntários da Pátria, 2310, fone (16) 3301 1598.

SÃO CARLOS: Rua José Bonifácio, 885, Centro, fone (16) 3376 6561.

Ampliação e reforma de aeroporto trará crescimento para Araraquara

Novo terminal será oito vezes maior do que o atual; a obra completa terá custo total de R\$ 7,39 milhões



Funcionários trabalhando na obra do novo terminal aeroportuário de Araraquara

Repórter Jéssica Palácio

As obras para a ampliação e reforma do aeroporto Bartholomeu de Gusmão, em Araraquara, começaram em fevereiro e têm término previsto para setembro de 2012.

A obra contempla a construção do novo terminal de passageiros, com investimento de R\$ 5,9 milhões, alargamento da pista de táxi e construção de estacionamento e vias de acesso ao novo terminal,

que custarão mais R\$ 1,4 milhão.

O novo terminal de embarque e desembarque de passageiros será oito vezes maior que o atual, hoje com apenas 210 m². Segundo a assessoria do Departa-

mento Aeroviário do Estado de São Paulo (DAESP), o novo terminal ainda contará com salas separadas para embarque, desembarque, espaço para lojas, locadoras de veículos e outros serviços.

O pacote de obras chega a R\$ 7,39 milhões e os recursos são provenientes do Governo do Estado. A manutenção do aeroporto é responsabilidade do DAESP. Com as obras o aeroporto estará apto a operar vôos comerciais (regulares). Até então só operava vôos executivos.

A empresa aérea Azul, em processo de fusão com a Trip, já demonstrou interesse em operar no aeroporto da cidade. Segundo o professor de economia Eduardo Róis Morales Alves, a ampliação do aeroporto é um benefício para a economia local, mas pode ser incerto para a empresa que operar vôos. “A demanda na cidade pode não ser suficiente, o que prejudicará os lucros”, explica.

Ainda segundo o economista, outros setores também serão beneficiados. “O sistema de transportes da cidade também ganha com a operação de vôos regulares, pois traz mais agilidade para transportar passageiros. Do ponto de vista logístico, a ampliação é uma conquista”, compara.

Dados do DAESP apontam que em abril de 2012 o aeroporto teve movimento de 1.811 passageiros em vôos não regulares e o acumulado de 2012 chega a 5.375 passageiros. O movimento de aeronaves em abril foi de 1.313 em vôos não regulares e o acumulado de 2012 foi de 4.854 pousos e decolagens.

Foto Jéssica Palácio

Inteligência artificial: sucesso de aplicativos impulsionam vendas

Programas mudam a forma como as pessoas se relacionam com seus aparelhos celulares

Repórter **Artur Francischi**

Eles são leves, rápidos e potentes. Os smartphones, ou “telefones inteligentes”, vêm ocupando lugar no mercado de telefonia celular. A pesquisa “Our Planet Mobile”, realizada pela Ipsos Media CT, com apoio da gigante de buscas Google, do MMA (Mobile Marketing Association) e do IAB (Interactive Advertising Bureau), aponta que 14% da população brasileira tem um smartphone, o que equivale a 27 milhões de usuários, número maior do que o encontrado na França ou na Alemanha, que possuem 25 e 24 milhões de usuários, respectivamente.

Este tipo de celular recebe este nome porque possui funcionalidades superiores às encontradas nos aparelhos comuns. Além de efetuar ligações, receber e enviar mensagens, os smartphones são capazes de executar tarefas mais complexas e possuem conexão fácil com a Internet.

Basicamente, o que difere um celular comum de um smartphone são suas plataformas operacionais e seus processadores, que são similares aos de computadores. Num celular inteligente é possível a instalação de softwares e aplicativos não nativos (que não vem junto com o aparelho); enquanto os celulares comuns rodam apenas os programas já presentes em seus sistemas.

Parte da inteligência dos smartphones vem dos aplicativos, ou apps, que podem ser baixados em lojas virtuais, como a App Store, da Apple, ou a Google Play, do sistema operacional Android, fornecido

pelo Google. Eles conseguem transformar os aparelhos em GPS, pianos, guitarras, roteadores, e muitas outras coisas.

Produzindo apps

O estudante do primeiro ano de Ciência da Computação na UFSCar, Leonardo Bortolotti, desenvolve aplicativos para a Apple há dois anos. “Comprei meu primeiro iPhone e fiquei impressionado com o dispositivo. Como eu já estava interessado em ver programação, acabei escolhendo a plataforma iOS para começar. Não me arrependo disso, pois acho essa plataforma a melhor que temos hoje no mercado mobile”, revela. Hoje, Leonardo possui três apps lançados na App Store, loja virtual para venda de aplicativos da Apple.

“Desenvolver o primeiro aplicativo foi um grande desafio, pois eu tinha 16 anos e nunca havia feito um curso de programação. Aprendi o desenvolvimento para iOS (sistema operacional da Apple) através da internet, visitando vários fóruns e sites que tratam do assunto”, relata. Leonardo conta ainda como é o processo de desenvolvimento de um aplicativo. “Primeiro você tem a ideia de um aplicativo ou recebe um customizado. A partir daí, pensa em formas de desenvolvê-lo, usando funções do aparelho, ferramentas, etc. Começa então o desenvolvimento. Quando o aplicativo estiver finalizado, testa-se todas as funções dele e, em até dez dias após a entrega, ele começa a ser comercializado”, resume.

A Ericsson, empresa sueca de telecomu-

Foto Arquivo pessoal



O “applemaniaco” Leonardo e seus “iTrecos”

nicações, anunciou em recente pesquisa, que os apps são uma das principais razões de se ter um smartphone, sendo lembrados por 33% dos entrevistados, ficando atrás somente do acesso à Internet, com 43%. Só em 2011, os aplicativos geraram receita mundial 15,1 bilhões de dólares.

Apps pagos x gratuitos

Leonardo Bortolotti disponibilizou seus primeiros aplicativos gratuitamente na App Store. A decisão foi motivada pela possibilidade de maior difusão de seus produtos. “Os meus primeiros aplicativos foram desenvolvidos pouco tempo após meu início no desenvolvimento iOS. Resolvi então publicá-los gratuitamente, pois assim eles teriam um maior número de downloads e

eu poderia mostrar e divulgar melhor o meu trabalho. Muitos desenvolvedores publicam seus apps gratuitamente, para ganhar dinheiro somente com propagandas que são exibidas no aplicativo; eu os publiquei para divulgar meu trabalho entre os usuários de iPhones”, conta o jovem programador.

Bortolotti só resolveu cobrar pelo seu último aplicativo, cujo app funciona como um marcador de pontuação e de tempo em jogos. “Decidi começar a cobrar pelo meu último app, porque já estava na hora de ter um retorno financeiro, pois eu ainda tinha meus apps gratuitos, que continuam divulgando meu trabalho, e meu app pago seria uma forma de retorno que eu teria com o desenvolvimento”, explica.

É um mercado em crescimento que acompanha as novas tecnologias



Bortolotti desenvolve apps para iPhones e iPads

Foto Arquivo pessoal

“É um mercado em crescimento, pois as tecnologias que o suportam estão em expansão”, afirma o economista e coordenador do Núcleo de Economia do Sincomércio de Araraquara, Jaime Vasconcellos. “O desafio não é difundir tecnologia a quem não a possui. Tal cenário já foi suplantado. A entrada dos tablets apenas intensifica a realidade. O desafio daqui para frente é evoluir uma tecnologia já existente, seja em prol da qualidade e dos preços de produtos, ou da segurança no momento de adquiri-los”, analisa. Para Vasconcellos, o desenvolvimento de apps já pode ser considerada uma profissão.

“Já é uma profissão do presente. O futuro é que o mercado se amplie e se desenvolva ainda mais, trazendo consigo uma mão de obra de acordo com suas demandas e com perfil extremamente dinâmico e atualizado.”, prevê o economista. Leonardo Bortolotti quer seguir carreira na profissão. “Pretendo trabalhar com desenvolvimento de apps e jogos. Meu objetivo é conseguir um bom cargo em alguma grande empresa dessa área.”

Bortolotti já está criando o próximo app. “Estou no meio do processo de de-

envolvimento do meu primeiro jogo. Pretendo que ele seja universal, isto é, que funcione no iPhone e no iPad, adaptado para suas respectivas resoluções. Estou também com um projeto mais ambicioso, um jogo mais complexo. Esse eu ainda não comecei a desenvolver, mas pretendo dar início assim que terminar o projeto que está em andamento”, revela.

Para o futuro, Vasconcellos evita fazer previsões. “Dos quase 250 milhões de aparelhos celulares no Brasil, cerca de 70% possuem algum sistema de aplicativos. A expectativa é que tal percentual ultrapasse os 85% nos próximos três anos. A velocidade de tal mercado no Brasil é dependente do ritmo com a qual tais tecnologias chegam ao nosso consumidor”, observa.

Divisão de lucro

O lucro do aplicativo criado é dividido entre o desenvolvedor e a empresa que o comercializa em sua loja virtual. Tanto as empresas Apple quanto a Google ficam com 30% do valor do produto. Já os outros 70% ficam com o desenvolvedor.

Se o aplicativo custar, por exemplo, US\$ 0,99, o dono do app fica com US\$ 0,693 e a empresa com US\$ 0,297.